

NOTAS SOBRE EPIGRAFIA ROMANA DE ÉVORA

No seu *Inventário Artístico de Portugal, Vol. VII — Concelho de Évora* (Lisboa, 1966), Túlio Espanca deu a conhecer várias inscrições romanas do aro de Évora, que não tinham sido, até aí, motivo de qualquer publicação. Tratando-se, porém, duma obra de grande vulto, essas oportunas referências perdem-se no meio da riqueza artístico-arqueológica da «Cidade-Museu»; por outro lado, não foi possível a T. Espanca dar-lhes tratamento científico. Por conseguinte, tais monumentos continuam hoje praticamente inéditos.

Dar a conhecê-los aos especialistas foi, pois, o motivo que nos levou à redacção destas breves notas. Quatro dos monumentos — os n.^{os} 4, 5, 6 e 8 — foram referidos por Espanca. A estes juntámos: o n.^o 1, de que só se conhecia uma parte mínima; o n.^o 2, inédito; os n.^{os} 3 e 7, cujas referências na imprensa local foram transcritas, sem estudo, na secção noticiosa d'*O Arqueólogo Português* (= AP).

O conjunto epigráfico aqui estudado não tem, portanto, outra característica comum senão o facto de englobar textos inéditos ou muito incompletamente publicados. Traços que individualizem a epigrafia da zona de Évora ainda os não detectámos — e a sua determinação terá em conta, obviamente, as cerca de 70 inscrições que se conhecem da cidade e dos concelhos limítrofes. Será tarefa a executar posteriormente, dando-se então maior amplitude ao comentário de cada monumento (1).

1 — Foto 1

Fragmento (B) dum lintel de porta em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, que se encontra no pátio de S. Miguel, monu-

(1) Fotografias de Guilherme Cardoso. Análise geológica do material feita pelo Dr. António Tavares, do Museu Monográfico de Conimbriga. Para ambos os nossos agradecimentos sinceros, pela solícita colaboração que nos prestaram.

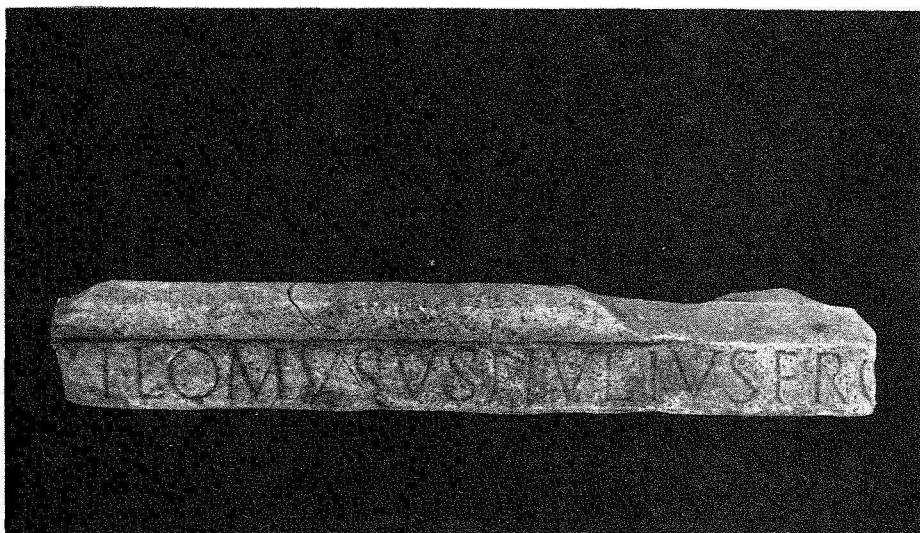


Foto 1

mento nacional pertencente à Fundação Eugénio de Almeida, em Évora. Não conseguimos saber donde proveio. Partido em dois fragmentos ajustáveis. A parte superior é levemente côncava, e o rebordo (desaparecido à direita) avança cerca de 4 cm para fora da vertical da superfície epigrafada. Pelas dimensões, o fragmento é, sem dúvida, a continuação dum outro (A), agora perdido, publicado por José Leite de Vasconcellos (= LV).

Dimensões: (A) 13 × 60 × 38 (LV); (B) 14 × 93,5 × 38. Campo epigráfico: 7,5 de altura (2).

L(*ucius*).IVLIVS.PHILOMVSVS.L(*ucius*).IVLIVS.FRO[NTO?]...

Lúcio Júlio Filomuso, Lúcio Júlio Frontão (?) ...

Altura das letras: 5,7. Espaços: 1: 0,7; 2: 1.

Fragmento A: LV in *AP* IV 1898 p. 122 = «*Ephemeris Epigraphica*» IX 1903 n.º 15. *Fragmento B*: inédito.

Paginação correcta. Caracteres bem gravados, em capital quadrada do séc. I.

A fractura do lado esquerdo ocorreu ao nível do H, de que resta apenas a parte superior da haste direita; no final, o O ficou reduzido a metade. O texto continuaria, pois, para a direita; o fragmento A seria o seu começo.

Torna-se difícil saber quantos mais nomes haveria, se é que os havia. De facto, poder-se-ia tratar apenas destes dois (duúnviros?), que, por possuírem o mesmo *praenomen* e gentilício, serão ou irmãos ou libertos do mesmo personagem. *Philomusus*, de que existe mais um exemplo no *conventus Pacensis* a que Évora pertence (CIL II 5136) é cognome grego³ muito atestado entre escravos e libertos. Por esse lado, preferir-se-ia ver nos dois personagens os membros dum colégio de libertos (*seviri?*).

De qualquer modo, seriam recordados pela sua ligação com um edifício de que poderiam ter feito — total ou parcialmente — doação à comunidade.

(2) Damos as medidas em centímetros e nesta ordem: altura × largura × espessura. São sempre as medidas máximas.

(3) SOLIN (H.), *Beiträge zur Kenntnis der griechischen Personennamen in Rom*, Helsínquia, 1971, p. 55 e 103.

2 — Foto 2

Árula funerária em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, encontrada durante as obras efectuadas na casa do Grupo Pró-Évora (antigo Convento de S. Paulo), em Évora ⁴. Está no Museu Regional de Évora. Rudemente afeiçãoada; moldurada nas quatro faces; sobre a cornija, um capitel onde se adivinha a existência inicial de frontão triangular e toros laterais. A l. 1 foi gravada na cornija e a última linha na primeira moldura da base.

Dimensões: 32,5 × 14 (cornija e base) × 9,6 (cornija) 10 (base) 7,5 (fuste). Campo epigráfico: 16,3 × 11,6.

D(is).M(anibus) [S(acrum)?] / CALPVRNĪ(a) / TITI FILIA /
RVFINIA/2NA VIX(it) AN(nos) / XXXIII (triginta tres)
POS(uit) / CECIA PRIS/CA FIL[I]E PI/ENT(issimae) H(ic)
S(ita) [(est) (sit) (tibi)] T(erra) L(evis)

Consagrado (?) aos deuses Manes. Aqui jaz Calpúrnia Rufiniana, filha de Tito. Viveu trinta e três anos. Cécia Prisca colocou (este monumento) à filha muito devotada. Que a terra (te seja) leve.

Alt. das letras: 1. 1: 1,2; 1. 2: 1,7 (A = 1,8; L = 1,8); 1. 3: 1,7 (F = 2, I = 1,2); 1. 4: 2 (V = 1,7); 1. 5: 1,7; 1. 6: 1,7 (O = 1,1; S = 2); 1. 7: 1,7 (E = 1,5; I = 1,5); 1. 8: 1,5/1,7; 1. 9: 1 (S = 1,3). Espaços: 2: 0,6; 3: 0,5; 4: 0,8/1,3; 5: 0,5/0,7; 6: 0,5/0,3; 7: 0,5/0,3; 8: 0,5/0,3; 9: 1,3/0,8.

Inédita.

Paginação deficiente. Caracteres actuários, de grande irregularidade tanto na inclinação como na forma e no tamanho. Note-se o A sem travessão e coroadado, o P com travessão inferior, o F cursivo, e os erros: A por terminar (l. 4), I em vez de P (l. 7), falta do I (l. 8), C em vez de T (l. 9), bem como a fórmula final sincopada, que encontramos também noutra epígrafe, de Beja (ILER 4470). *Filie* por *filiae* é grafia popular.

(4) Informação do Sr. P.^e Henrique Louro, a quem agradecemos todo o interesse e apoio que nos tem concedido.



Foto 2

O texto, contudo, é muito completo, salientando-se (1. 3) o cuidado com que foi indicada por extenso a filiação, em contraste com a rudeza do conjunto.

Calpurnia é gentílico frequente no *conventus Pacensis*: vamos encontrá-lo de novo no n.º 4 e, em Évora, regista-se uma *Calpurnia Sabina* da ordem senatorial (CIL II 112). *Rufiniana* é cognome que, segundo supomos, surge aqui pela primeira vez na Península; Kajanto⁵ refere três elementos da ordem senatorial com este cognome, 37 exemplos no masculino e uma mulher registados nos volumes do CIL, dos quais 16 no CIL VIII. *Cecia* ou *Caecia* é antropónimo que não encontramos nos índices das grandes colecções epigráficas peninsulares nem mesmo no *Thesaurus Linguae Latinae*; *Caeciae* é o nome dado a duas ilhas do Golfo Sarónico (*Plin.* 4, 57), por *Caecias* é conhecido o vento nordeste (*Gell.* 2, 22, 24), *Caecina* é o nome dum ramo da *gens Licinia*; em Schulze (6) regista-se *Ceccius* com exemplos em Roma (CIL VI 14 625, 32 903, 35 364...) e *Caecius* (7) com exemplos em Faventia (CIL XI 640), Puteoli (CIL VI 2379^a) e outros na Península Itálica. O cognome *Priscus* documenta-se outras vezes no *conventus Pacensis*. Estamos, pois, perante uma onomástica latina, sugerindo até uma remota origem itálica.

A irregularidade com que foram gravados os caracteres, a presença da invocação aos Manes e do adjectivo *pientissima* — apontam para o séc. III.

3 — Foto 3

Placa funerária em calcário, achada na Herdade da Chainha, junto da barragem da Graça do Divor, freguesia de N.ª Sr.ª da Graça do Divor, Évora. Encontra-se actualmente em Montemor-o-Novo, em casa do Sr. José Custódio Capoulas de Avó, enquanto não transita para o museu em formação. Praticamente intacta, tem superiormente três ranhuras equidistantes destinadas a facilitar a fixação. Moldura elegante, decorada com elementos vegetalistas estilizados

(5) KAJANTO (I.), *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 154 e 229.

(6) SCHULZE (W.), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966, p. 423.

(7) *O.c.* p. 75.



Foto 3

lembrando flores de lóvão. Campo epigráfico rebaixado em relação à moldura.

Dimensões: 59,5 × 87 × 4. Campo epigráfico: 42 × 70.

D(is).M(anibus). CORNELIAE / L(ucii).F(iliae).MAXVMAE /
CORNELIVS.VALENS / MARITVS.VALERIA /⁵ AMOE-
NA.SOROR.F(aciendum).C(uraverunt)

Aos deuses Manes. A Cornélia Máxima, filha de Lúcio, o marido, Cornélio Valente, e a irmã, Valéria Amena, mandaram fazer (este monumento).

Alt. das letras: 1. 1: 6; 1. 2: 5,5/5,7; 1. 3: 5,5; 1.4: 5; 1. 5: 4,5.
Espaços: 1: 1,5/2; 2 a 5: 2,5; 6: 5.

«A Capital», 5-12-1970 = AP III série, IV, 1970 p. 326-327.
«Notícias de Évora», 9-I-1971 = AP III série, V, 1971, p. 263.

Variantes: Em ambas as publicações não é indicada a translineação; «Notícias de Évora» omite L F (1. 2).

Paginação excelente segundo eixo de simetria quase perfeito. Pontuação triangular, correcta. Caracteres do tipo capital quadrada, com alguma tendência actuária aqui e além (0 da 1. 3, barra do T, do L); na 1. 4, I maior que as demais letras para se distinguir do T.

Onomástica, latina, comum na Lusitânia, embora *Valeria* se registre aqui pela primeira vez (no feminino) no *conventus Pacensis*. Cremos ser esta a única inscrição conhecida, da Península, em que os dedicantes são, simultaneamente, o marido e a irmã da defunta. Contudo, as suas relações onomásticas podem causar certa surpresa. Na verdade, marido e mulher têm o mesmo gentílico e ambos são — porque é indicada a sua filiação — *ingenui*: pertencerão efectivamente à mesma família, embora em graus afastados, ou serão de famílias diferentes que apresentam casualmente o mesmo *nomen*? Por outro lado, a irmã tem gentílico diferente: será irmã natural? Ou poder-se-á pôr a hipótese de que, no presente caso, se não seguiram as regras consagradas?

A nota inserta n' *A Capital*, focando o contexto arqueológico em que este monumento foi encontrado, sugere que o topónimo actual Divor teria provindo de *Divorum* (genitivo plural significando «dos deuses»). Para além de se afirmar também que um templo romano teria existido onde é hoje a paroquial da Graça do Divor, salienta-se o

facto de os Romanos aí terem ido buscar água para Évora, dado que o Aqueduto da Prata (séc. xvi) foi construído sobre as ruínas do romano. É, pois, zona a ter em consideração do ponto de vista arqueológico, até porque o achado desta epígrafe aponta para o elevado grau de civilização e mesmo de cultura das gentes que aí viviam.

A invocação aos Manes (sem *sacrum*), o uso do dativo, a simplicidade com que são referidos os laços familiares, a paleografia — permitem-nos datar a epígrafe dos finais do séc. I — princípios do II.

4 — Foto 4

Árula funerária em mármore branco do tipo Estremoz / Vila Viçosa, achada na muralha de Évora. Encontra-se no pátio do Seminário Maior de Évora. Partida longitudinalmente, ao nível da 1. 3, não tendo sido prejudicado o texto. Moldura de gola reversa, nas quatro faces, separando o fuste da base e do capitel, que é muito simples, com frontão ligeiramente apontado à frente. A última linha foi gravada na moldura da base.

Dimensões: 74 × 33 (cornija e base) × 15,5 (cornija) 16,5 (base) 11 (fuste). Campo epigráfico: 18,7 × 25.

D(is).Manibus).S(acrum). / IVNIA.TYC/HE.ANNOR/VM.
LIII (quingenta quattuor).H(ic). S(ita).E(st) S/IT
TIBI TER<R>A. LEV/IS CALPVRNIVS / MARCIA-
NVS.VX(ori) MERENTISSIME.F(aciendum).C(uravit)

Consagrado aos deuses Manes. Júnia Tiqué, de cinquenta e quatro anos, está aqui sepultada. Que a terra te seja leve. Calpúrnio Marciano mandou fazer (este monumento) à mulher mui merecedora.

Alt. das letras: 2,5/3. Espaços: 1: 0,3/1; 2: 1/1,4; 3: 1/1,2; 4: 1,5; 5: 1,5/1,8; 6: 2; 7: 1,5; 8: 1.

Paginação com alinhamento à esquerda, mas medíocre pois corta sílabas na translineação. Pontos circulares nem sempre colocados correctamente. Caracteres actuários, irregulares (os I da 1. 4 com tamanhos diferentes). Para além dos erros de translineação, outros há, a denotar baixo nível cultural do *ordinator*: I por E (1. 4), TERA por TERRA (1. 5).

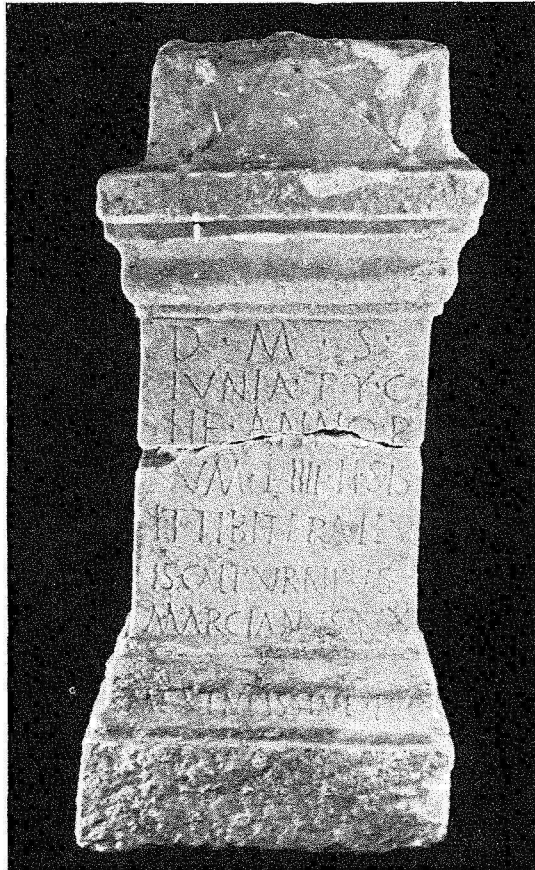


Foto 4

O gentílico *Iunius, a*, abunda no *Conventus Pacensis*. Do cognome *Tyche*, tão abundante na Península e no mundo romano (8), temos, no *conventus*, apenas mais um exemplo, na Quinta do Marim (9). De origem grega, frequentemente dado a escravos, pode, na circunstância, denotar influências culturais ou ser mesmo indicativo dum estatuto social (liberta?). O dedicante ostenta o mesmo gentílico registado no n.º 2. *Marcianus* é também frequente no sul de Portugal, dado a pessoas de certo nível sócio-económico (10). Tal como no n.º 2, estamos perante uma onomástica que não se refere ao elemento indígena. Embora nada nos garanta que os *Calpurnii* destes dois monumentos pertençam exactamente à mesma família, o certo é que também aqui podemos estar em presença de elementos estranhos à população autóctone.

A presença da invocação aos deuses Manes, o uso do adjectivo a qualificar as relações familiares, a paleografia — apontam para os começos do séc. III.

5 — Fotos 5, 6 e 7

Árula funerária em mármore rosado do tipo Estremoz/Vila Viçosa, procedente de Évora, em cujo Museu Regional está exposta. Muito elegante, tem moldura em toda a volta, do tipo gola reversa, encimada por um toro. No capitel, sobre a cornija, um alto fastígio arredondado, com toros adossados lateralmente. Do lado esquerdo, esculpido em baixo-relevo, um pequeno jarro, para a direita, com pé achatado, bojo em V, e asa paralela ao colo. Do lado direito, também em baixo-relevo, uma pátera com *umbo* saliente e pega para baixo. Além do fuste, a inscrição ocupa a cornija (1. 1), a moldura superior (1. 2) e a moldura da base (última 1.).

Dimensões: 71 × 31,2 (cornija e base) × 15 (cornija e base) 10,3 (fuste). Jarro: 13,5 × 6,5. Pátera: 15,2 × 7,3. Campo epigráfico: 29 × 26,8.

D(is).M(anibus).S(acrum). / IVL(ia) / NORBĀNA / EME-
R(itensis).AN(norum) / XXXV (triginta quinque).H(ic).S(ita) /

(8) Cfr. SOLIN, *o.c.*, p. 107, 111 e 132.

(9) Correção nossa, ainda inédita, da inscrição ILER 3362.

(10) CIL II 36, 4989 e 5191, por exemplo, e no n.º 6.



Foto 5

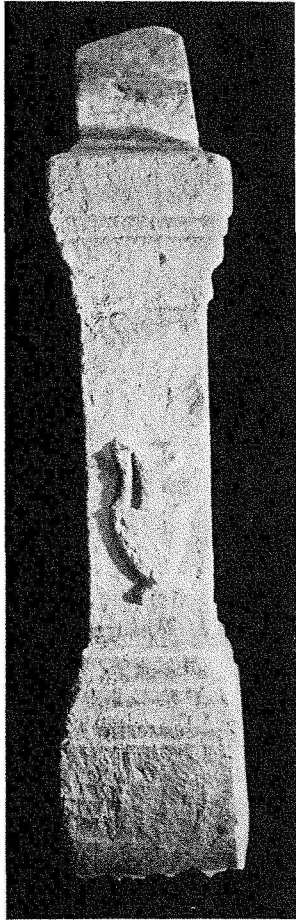


Foto 6

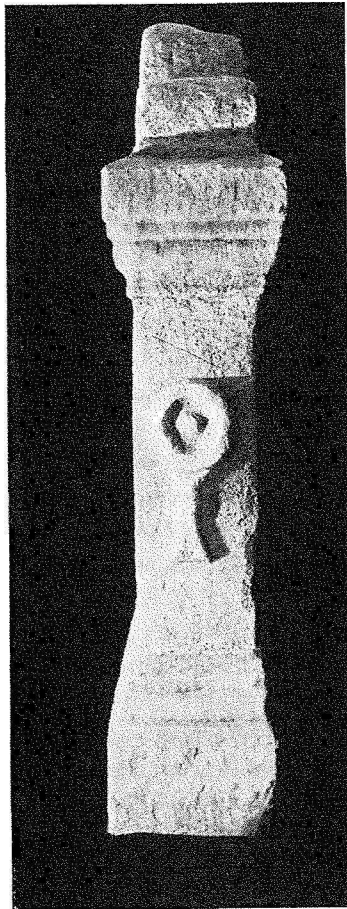


Foto 7

E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).FVN/DĀNVS.VXO(ri) P(ien-
tissimae vel iissimae).F(aciendum).C(uravit)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Júlia Norbana, natural de Mérida, de trinta e cinco anos. Que a terra te seja leve. Fundano mandou fazer (este monumento) à esposa muito devotada.

Alt. das letras: 1. 1 e 2: 3,5; 1. 3: 4,7 (O = 4,5); 1. 4 e 5: 4, 5 (X = 4,7); 1. 6: 4,5 (1º T = 4,7); 1. 7: 4,5 (1º V = 4,2); 1. 8: 4. Espaços (do campo epigráfico propriamente dito): 4: 0,7/1; 5 e 6: 1; 7: 1/1,5; 8: 1/1,3; 9: 1/0,5.

ESPANCA (T.), *Inventário...* p. 123.

Variantes (ESPANCA): Diferente divisão de linhas; omite 1. 2; 1.6/7: FVNDAIVS; 1. 8: D.

Paginação com tendência para simetria nas 1. 1 e 2, e alinhamento quase perfeito à esquerda e à direita nas restantes. Pontuação triangular, nem sempre utilizada a rigor (inexistente nas siglas da 1. 6). Caracteres de *ductus* irregular, denotando aqui e além uma certa falta de jeito: M demasiado abertos, pequenos traços a unir hastes que deviam terminar em ângulo (no N, por exemplo), nexos mal conseguidos. A 1. 6, então, é bem exemplo disso: as barras dos T estão unidas, o F tem barra inferior como se fosse um E e a intermédia é mais curta. Tendência para «coroar» as letras com um pequeno traço (veja-se o X da 1. 7).

A defunta, cujo gentílico, *Iulius, a*, aparece aqui numa abreviatura frequente, tem um *cognomen* directamente relacionado com a Lusitânia, dada a sua frequência na região de Mérida, donde, aliás, Júlia é natural. Seu marido identifica-se apenas pelo cognome, *Fundanus*, outras vezes exemplificado no *conventus Pacensis*.

As relações entre Évora e Mérida, de que esta epígrafe é mais um testemunho, são compreensíveis, atendendo à existência duma via que ligava as duas cidades (11). CIL II 504, proveniente de Mérida, documenta igualmente esse intercâmbio, pois refere uma Pública natural de Évora (12).

(11) ALARCÃO (Jorge de), *Portugal Romano*, Lisboa, 1975, p. 67, fig. 6.

(12) A reconstituição proposta é: PVBLICIA EM[ERITA NATA] EBORA. ANN.LII. O monumento, que julgamos ter desaparecido, apresenta, pois, alguma dificuldade; após o gentílico, poderia vir muito simplesmente o cognome.

A paleografia e o formulário utilizado levam-nos a datar esta epígrafe dos finais do séc. II — princípios do III.

6 — Fotos 8 e 9

Ara funerária em mármore de Trigaches, achada nos paramentos da ábside da ermida de S. Miguel do Castelo, freguesia da Sé, Évora. Foi colocada junto à porta norte da referida ermida (pátio de S. Miguel). Por ter sido utilizada na construção, foi alisada na parte da frente, onde, ao nível do capitel e da base, foram abertos dois buracos, bem como do lado direito, onde teria existido um jarro. Moldura cuidada, nas quatro faces, do tipo gola reversa. Capitel com frontão triangular e toros de sulco a meio ladeando o fóculo. Do lado esquerdo, pátera sem cabo, em baixo-relevo, com *umbo* saliente.

Dimensões: 94 × 36 (cornija) 38 (base) × 21,5 (cornija) 18,5 (fuste) 22 (base). Altura do frontão: 11,5; diâmetro exterior do fóculo: 17. Diâmetro exterior da pátera: 12,7. Campo epigráfico: 41,7 × 32,5.

D(is).M(anibus).S(acrum) / Q(uitus) IVLIVS IVLI/ANVS.
AN(norum) XV (quindecim) / H(ic) S(itus).E(st) S(it) T(ibi).
T(erra).L(evis) / IVLIA MARCI/ANA ET IVLIVS / VER-
NACLVS HE/REDES P(onendum) C(uraverunt)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Quinto Júlio Juliano, de quinze anos. Que a terra te seja leve. Júlia Marciana e Júlio Vernaclo, herdeiros, mandarão colocar (este monumento).

Alt. das letras: 1. 1: 3/3,3; 1. 2: 3,3 (Q = 3); 1. 3 a 8: 3,3. Espaços: 1: 1; 2: 0,7/1; 3: 1; 4: 0,6/1; 5: 0,6/1; 6: 0,5/0,6; 7: 0,6/0,7; 8: 0,6/0,7; 9: 9,5.

ESPANCA, *Inventário...* p. 92.

Variantes: 1. 4: SSE

Paginação segundo um eixo de simetria, evidente sobretudo nas 1. 1, 4 e 8; houve cuidado em fazer a translineação de acordo com as sílabas. Pontuação deficiente, em forma de pequenos triângulos (13).

(13) Os líquenes abundantes dificultam a leitura e as condições de exposição impedem uma fotografia cuidada.



Foto 8

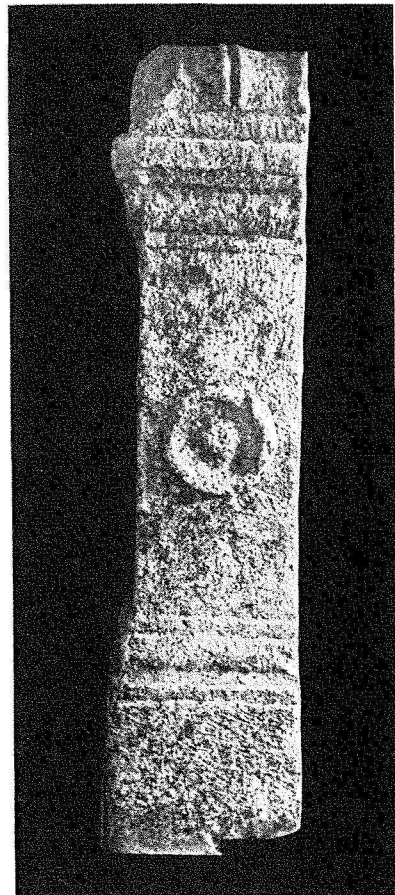


Foto 9

Caracteres do tipo monumental quadrado: D bem largo, Q de haste horizontal; ligeira inclinação geral para a esquerda, barras horizontais bem marcadas.

Todos os indivíduos aqui mencionados são membros da mesma *gens Iulia*, porque é verosímil que os dois dedicantes sejam libertos do defunto, que, morrendo muito embora jovem, já os instituíra seus herdeiros — parece-nos texto a ter em conta quando se abordarem os aspectos jurídicos relacionados com as heranças.

Onomástica bem latina: de novo um *Marcianus, a*, já documentado no n.º 4; *Vernaclus*, no masculino, é raro na Península Ibérica, sendo mais frequente no feminino (14). Apesar de não se mencionar a filiação do defunto, cremos que o poderemos considerar um autóctone que ascendeu à cidadania.

O uso da invocação aos deuses Manes, do nominativo no nome do defunto, da fórmula final antes da indicação dos dedicantes e a própria paleografia apontam para os fins do séc. I — princípios do II.

7 — Foto 10

Placa funerária em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, procedente da Herdade da Venda, Azaruja, Évora. Guarda-se no depósito do Museu Regional de Évora. Moldura de gola directa enquadrando um campo epigráfico rebaixado. Praticamente intacta. A última linha, gravada na moldura, sofreu os efeitos da erosão, que apagou levemente os caracteres.

Dimensões: 53 × 73,5 × 9,5. Campo epigráfico: 36,5/37,3 × 56,3.

Q(uintus). TVLLIVS HABITI / F(ilius).GAL(eria tribu).
 MODESTVS / AN(norum). XX(viginti). TVLLIA.HABITI /
 F(ilia).TVSCA.AN(norum).V (quinque).Q(uintus). ALFIVS /
 MODESTVS. H(ic).S(iti). S(unt).S(it).V(obis).T(erra).L(evis)
 / MATER F(aciendum) C(unavit)

Aqui jazem Quinto Túlio Modesto, filho de Hábito, da tribo Galéria, de vinte anos, Túlia Tusca, filha de Hábito, de cinco anos, Quinto Álfio Modesto. Que a terra vos seja leve. A mãe mandou fazer (este monumento).

(14) Cfr. Kajanto, *o.c.*, p. 148, e *Fouilles de Conimbriga II*, 1976, p. 74, nota 27.



Foto 10

Alt. das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 4; l. 4: 4 (1.º F = 3,4; último V = 3,2; último S = 4,5); l. 5: 3,4/4 (O = 3); l. 6: 2,7. Espaços: 1: 12,5; 2: 0,8/1,5; 3: 1/0,5; 4: 1/0,5; 5: 0,2/0,5; 6: 0.

AP, III série, II 1968 p. 207 (transcrição do «Jornal de Évora» de 22.X.1968).

Variantes: A leitura do «Jornal de Évora» apenas difere da nossa na l. 4 (ANVO) e na l. 6 (MATEROS); a interpretação é que está na sua quase totalidade incorrecta: GAL é interpretado como sendo o antropónimo Galo, AN.V.Q. como um antropónimo também (Ânuo), *Materos* é considerado o nome do gravador.

A inscrição começa quase a meio da altura do campo epigráfico. As duas primeiras linhas apresentam letras de tamanho superior às restantes e os espaços interlineares vão diminuindo progressivamente, até deixarem de existir. A que se deverá essa inabilidade? Será que só pouco a pouco os nomes dos defuntos foram sendo acrescentados? Cremos que não. Optamos antes por uma total imperícia do gravador que não soube calcular o espaço disponível.

Enquanto umas letras se podem inserir no tipo de monumental quadrada (caso do Q, T, O, E), outras (F, H, B, G, A) denotam tendência para uma irregularidade de proporções. Assim, o A tem geralmente a barra muito acima, o mesmo acontecendo com o F quer tenha ou não pontuação a seguir; as «barrigas» do B estão nitidamente separadas; o G parece muito lançado para a frente, dado que a haste se enrola em baixo num espaço muito pequeno. As barras dos T estão fortemente gravadas e são bem horizontais, dando a impressão de serem desproporcionadas em relação ao tamanho das restantes letras. Aliás, nesse aspecto há que chamar a atenção para a excessiva abertura do V — excepção feita ao último da l. 4, que se atrofiou devido à exiguidade do espaço. O mármore está gasto a seguir à palavra *mater*; contudo, supomos muito provável a existência da fórmula F. C., embora, entre o R e o C, praticamente nada se distinga.

Apesar do erro de paginação em altura, a disposição do texto em largura é aceitável, na medida em que não houve qualquer corte de palavras e a última linha apontaria mesmo para a existência dum eixo de simetria. Assim, opinamos que o texto teria sido entregue

ao gravador com boa paginação, e foi este que não o soube passar para a pedra, tendo começado demasiadamente em baixo.

A pontuação nem sempre foi colocada segundo as regras: além dos pontos triangulares côncavos, abundam as «vírgulas» de acentuado barroquismo.

Sendo a mãe a dedicante da inscrição, seria lógico que os defuntos fossem seus filhos. Essa qualidade compreender-se-á facilmente em relação aos dois primeiros: ambos têm o gentílico *Tullius* e ambos são filhos de Hábito, que seria portanto o marido da dedicante. O primeiro, falecido com vinte anos, já recebera o direito de cidadania, tendo sido inscrito na tribo Galéria (de Évora, provavelmente); a segunda, apenas com cinco anos. No entanto, o problema põe-se em relação ao terceiro indivíduo mencionado, quer porque não traz a idade indicada, quer por apresentar gentílico diferente (apesar da identidade de cognome com o primeiro). Que ilação se poderá tirar daqui? A hipótese mais plausível, em nosso entender, é que se trate dum filho natural, caso se queira manter estritamente a relação de maternidade entre a dedicante e os defuntos.

O gentílico *Tullius* (conhecido por ter sido o de Cícero) regista-se outra vez no *conventus*, em Mértola. *Habitus*, adjectivo que significa «o que se encontra em boas condições físicas», é cognome de origem latina, cuja frequência não é grande (15); aliás, regista-se aqui segundo cremos pela primeira vez na Península Ibérica. Enquanto os cognomes *Modestus* e *Tuscus* são frequentes no sul de Portugal, o gentílico *Alfius*, abundante no resto do território peninsular, como se pode ver pelos índices do CIL II, nomeadamente em Mérida (CIL II 526 e 529), regista-se aqui pela única vez no território do *conventus Pacensis*: é possível que seja de origem itálica. Contudo, o facto de a filiação ser dada à maneira indígena, através do cognome paterno, induz-nos a pensar que estamos perante cidadãos romanos de fresca data.

O uso do nominativo, a paleografia, a ausência da invocação aos deuses Manes, a simplicidade com que é indicada a relação de parentesco, a posposição da dedicante à fórmula final — tudo nos sugere a primeira metade do séc. I.

(15) Kajanto, p. 232.

8 — Foto 11

Árula funerária em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, encontrada no local onde é hoje o Hotel Planície, freguesia de S. Pedro, Évora. Foi embutida na parede sobranceira ao poço do quintal do referido hotel. O fuste é limitado em cima por uma moldura de gola directa e, em baixo, por uma moldura de gola reversa. O capitel apresenta fastígio levemente arredondado, ladeado por dois toros lisos; aí foi gravada a fórmula inicial: o D e o S no topo dos toros, o M no frontão, bem centrado, com pontos triangulares a ocupar o espaço; na cornija, que separa o capitel da moldura, a l. 2 da inscrição.

Dimensões: 37 × 18,5 × 5 (aproximadamente). Campo epigráfico: 14,6 × 14,8.

D(is).M(anibus).S(acrum) / VI.VEN.NI.A. / BA.DIA.
ANN(orum) / LXXX(octoginta).ALLIA / NYM.PHE.FI/
LIA.MATRI. / PI.EN.TISSI./MAE.F(aciendum) C(uravit).
H(ic) S(ita). / E(st) S(it) T(ibi).T(erra).L(evis).

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Vivénia Bádía, de oitenta anos. Ália Ninfa, a filha, mandou fazer (este monumento) para a mãe muito devotada. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: l. 1: 2,5/3; l. 2: 2; l. 3: 2; l. 4: 1,5; l. 5: 1,4 (H=1); l. 6 a 9: 1,5. Espaços: 3 a 10: 0,5.

ESPANCA, *Inventário...* p. 207.

Variantes: Espanca omite a pontuação inter-silábica; l. 5: NYM.P.E

O *ordinator* procurou ocupar todo o espaço disponível, com certa graciosidade. Alinhamento à esquerda, embora paginação deficiente, atendendo à má colocação da pontuação. Caracteres monumentais, actuários mais do que quadrados: X muito inclinado para a direita, M muito aberto, S oblíquo. Na l. 5, o H foi gravado mais pequeno decerto por esquecimento. Teria havido linhas auxiliares.

Só encontrámos mais uma vez, na epigrafia peninsular, o gentilício *Vivennia* (CIL II 134), numa dedicatória a Endovélico. *Badius*, ora surge como cognome ora como gentilício, mas a sua ocorrência na Península é pequena: julgamos que é antropónimo latino, embora Kajanto o não refira e Maria Lourdes Albertos o inclua, dubitativa-

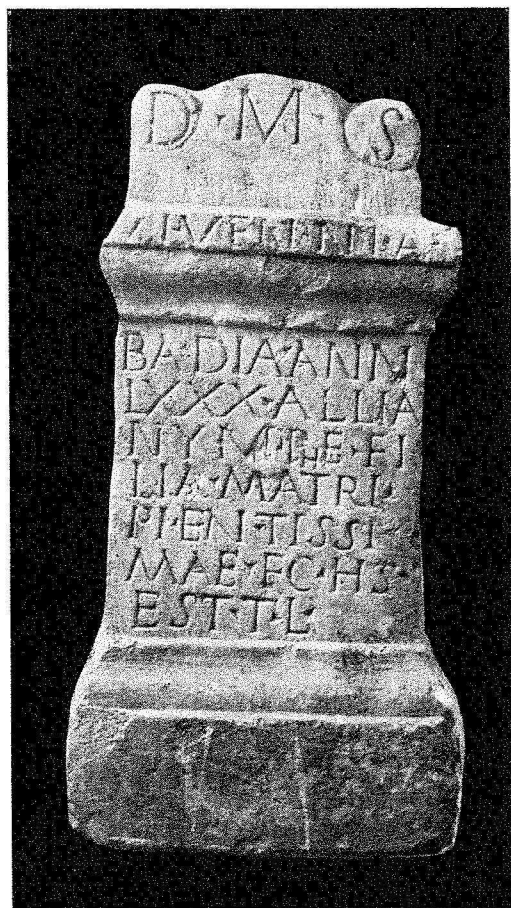


Foto 11

mente é certo, nas suas listas de antropónimos hispânicos (16). *Allia*, exemplo único no sul de Portugal, é frequente na Península, acompanhando bastas vezes cognomes gregos, como aqui. *Nymphe*, outras vezes documentado na Península (17), parece formado a partir do substantivo *nympha*, ninfa, o que nos situa num âmbito cultural de interesse. Estaremos em presença de libertos?

A invocação aos Manes, o uso do nominativo e do adjectivo *pientissima*, o pleonasmo *filia matri*, a paleografia — levam-nos a datar o texto da segunda metade do séc. II, princípios do séc. III (18).

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

(16) *Emerita* XXXII 1964 p. 228, XL 1972 p. 19.

(17) CIL II 530, 1099, 1783, 3763.

(18) Apesar de não podermos apresentar qualquer conclusão, seja-nos lícito chamar a atenção para o facto de quatro das cinco aras apresentadas terem inscrição fora do campo epigráfico. Pode ser essa uma das características de certa epigrafia da região de Évora.

